

O Papa é pop. O Bono é pop. Piketty também! Determinações do sucesso editorial de *O capital no século XXI*

Le Pape est pop. Le Bono est pop. Piketty aussi ! Les déterminants autour du bonheur éditorial de Le capital au XXIème siècle

Pope is pop. Bono is pop. Piketty too!

Determinations of the editorial success of Capital in the Twenty-First Century

El Papa es pop. El Bono es pop. Piketty también! Determinaciones del éxito editorial de El capital en el siglo XXI

Tadeu Alencar Arrais



Edição eletrônica

URL: <http://journals.openedition.org/espacoeconomia/2377>

DOI: 10.4000/espacoeconomia.2377

ISSN: 2317-7837

Editora

Núcleo de Pesquisa Espaço & Economia

Referência eletrônica

Tadeu Alencar Arrais, « O Papa é pop. O Bono é pop. Piketty também! Determinações do sucesso editorial de *O capital no século XXI* », *Espaço e Economia* [Online], 9 | 2016, posto online no dia 31 dezembro 2016, consultado o 24 março 2020. URL : <http://journals.openedition.org/espacoeconomia/2377> ; DOI : <https://doi.org/10.4000/espacoeconomia.2377>

Este documento foi criado de forma automática no dia 24 março 2020.

© NuPEE

O Papa é pop. O Bono é pop. Piketty também! Determinações do sucesso editorial de *O capital no século XXI*

Le Pape est pop. Le Bono est pop. Piketty aussi ! Les déterminants autour du bonheur éditorial de Le capital au XXIème siècle

Pope is pop. Bono is pop. Piketty too!

Determinations of the editorial success of Capital in the Twenty-First Century

El Papa es pop. El Bono es pop. Piketty también! Determinaciones del éxito editorial de El capital en el siglo XXI

Tadeu Alencar Arrais

1

Mamãe
Não sou mainstream nem sou cult
Meu som assim vapt vupt
Caiu na boca do povo...
Mamãe
O fato é que eu tô na moda
Mamãe eu fiz um disco foda
Faz um download e ouve aí...
Zeca Baleiro, *Mamãe no Face*.

Introdução

- 2 Nem o mais otimista dos autores poderia imaginar que um livro de economia com 669 páginas pudesse figurar na lista dos mais vendidos na França e nos Estados Unidos. No Brasil, no ano de 2015, o livro de Thomas Piketty alçou a 11ª posição nas vendas

(publishenews.com.br). O primeiro lugar foi ocupado pelo já decrépito, e mais ofertado nos sebos brasileiros, *Jardim secreto: livro de colorir e caça ao tesouro antiestresse*, de Johanna Basford. *Nada a perder*, de Edir Macedo, ocupou a terceira posição e *Morri para viver*, de Andressa Urach e da mesma confraria do “Bispo Macedo”, a quinta posição. À frente de *O capital no século XXI*, livros de autoajuda que ensinam o caminho da redenção, exceção para o emocionante *Diário de Anne Frank*, que ocupou a 6ª posição, e para livros ocasionais de humor e culinária cujos autores não resistiram por muito tempo nas prateleiras das livrarias. Nada mau para um livro de economia. Piketty, agora, é pop. Viaja pelo mundo, autografa livros e é elogiado com frequência pela mídia internacional. Apertará, em breve, as mãos de Bono. Visitará o Vaticano a convite do Papa Francisco e, quem sabe, receberá um beijo fraterno de Angelina Jolie em uma missão humanitária qualquer. Mas os afagos que brotam de todos os setores da sociedade, por mais inveja que possam causar, não invalidam os argumentos econômicos e a mensagem política contida em *O capital no século XXI*.

O que é ser pop?

- 3 O adjetivo pop, abreviação de popular, sem a pretensão de uma digressão conceitual, guarda duas qualidades vinculadas ao mundo da mercadoria. A primeira responde pela mudança da funcionalidade original do objeto e a segunda responde por sua atemporalidade. Os objetos e os indivíduos adjetivados de pop transcendem os fins e os tempos para os quais e nos quais foram criados. A imagem de Marilyn Monroe é tão identificada com a cultura pop quanto a imagem de Che Guevara. A primeira imagem obteve na busca do Google, em 0,53 segundos, 28.200.000 resultados e a segunda 20.500.000 resultados. Jesus Cristo obteve 29.800.000 registros em 0,55 segundos¹. Certamente não existem tantos socialistas quanto cristãos no planeta. Essa métrica, indicativo contemporâneo de popularidade, revela como alguns personagens históricos e objetos, muitas vezes fundidos em um só, foram incorporados ao mundo da mercadoria. Mickey Mouse, personagem da Walt Disney nascido no final da década de 1920, é tão reconhecido como o grupo musical The Beatles ou mesmo a trilogia Star Wars. Yoda, criação de George Lucas, é mais que um boneco com extremas habilidades para luta. Ganhou vida própria. Facilmente reproduzidos em camisetas, chaveiros, canetas e toda uma série de utensílios domésticos e objetos de decoração, os símbolos da cultura pop ultrapassam as fronteiras políticas e linguísticas. “Esqueça, Jake, isto aqui é Chinatown” ou “Por que está tão sério?” são frases cuja mensagem é facilmente identificada no universo pop.
- 4 Existe, por assim dizer, uma positividade no adjetivo pop, daí a transformação de pessoas e objetos em ícones atemporais cuja imagem pode ser encontrada nas prateleiras de mercados e nos magazines. Trata-se de um desdobramento daquilo que alguns autores classificaram, ainda no primeiro quartel do século XX, de indústria cultural. Os impactos na cultura e na arte da indústria cultural foram denunciados por Horkheimer e Adorno (2002). Surgida a partir de determinadas condições técnicas, antecedidas pelo propósito da massificação e da standardização, a cultura vira mercadoria e é, portanto, embalada e vendida nas prateleiras. A necessidade universal da circulação é resolvida pela comunicação. Thompson (1995) associa a emergência dos fenômenos de massa com o desenvolvimento da comunicação de massa. Alçar a condição global, de forma mais ou menos instantânea, depende de uma sinergia entre

os interesses corporativos dos meios de comunicação, promotores do consumo, de tal modo que, mesmo antes da produção de um determinado produto, sua necessidade é lançada no mercado. Há uma antecipação da necessidade do consumo em relação à demanda produtiva. Se, na revolução industrial, os objetos técnicos nasciam a partir de demandas conjunturais, com ampla durabilidade, bastando observar o uso do ferro fundido em alguns utensílios domésticos, na contemporaneidade é necessário produzir, antes de tudo, a necessidade de um objeto para depois produzi-lo fisicamente. A perenidade da mercadoria é uma marca antiga, resquício da modernidade maquinista.

- 5 Uma pessoa pop desfruta de *status* que lhe permite transitar em diferenciados ambientes sociais, porque dispõe de uma atitude simpática que, divulgada instantaneamente, rompe as barreiras sociais, de gênero e de religião. Cantores, atores, desportistas, políticos, poetas, escritores e até mesmo acadêmicos alçaram a condição de pop, tal é o exemplo de Thomas Piketty.

O mercado editorial pop

- 6 Em 2015 Thomas Piketty já era conhecido do público, em função do sucesso editorial do livro *O capital do século XXI*, publicado anteriormente em francês e inglês. O livro, na edição inglesa e portuguesa, segue o receituário editorial do sucesso. Não podemos nos enganar. Um livro é, sobretudo, uma mercadoria cuja decisão de publicar segue a lógica da despesa gerada *versus* receita auferida. Livros de estrito teor acadêmico raramente alçam a condição de *best-seller*. O mesmo não se aplica aos livros de autoajuda. Como qualquer mercadoria, o investimento na circulação é imprescindível. O amazon.com é a prateleira universal na hierarquia editorial. Como qualquer mercadoria, a embalagem promove o produto. Na contracapa do livro de Thomas Piketty extratos de opiniões de economistas como Paul Krugman e figuras ilustres como Bill Gates, além de frações de editoriais do *The New York Times* e do *The Guardian*. Algumas, certamente, exageradas. “Maior do que Marx”, asseverou o *The Economist*². Em cada país em que o livro é lançado somam-se, como estratégia de *marketing*, opiniões de celebridades nacionais, chanceladas pelos principais veículos de comunicação³.
- 7 *O capital do século XXI* é uma febre literária. Transformou-se em um clássico com a mesma velocidade com que Clark Kent muda de roupa. Ocupa os lugares centrais nas livrarias dos *shopping centers*. A visibilidade da mercadoria induz, não podemos negar, o consumo. Leitores são consumidores. Consomem, também, novidades. Um bom título. Um prefácio elogioso. Uma resenha encomendada no semanário da moda. Por último, uma proposta para roteiro de um filme de Hollywood. Se há uma guerra, então é necessário reeditar livros sobre a guerra. Se algum importante autor morre, então é oportuno celebrar sua morte reeditando os livros de maior sucesso. Isso sem contar as inúmeras adaptações para os mercados cada vez mais, aparentemente, segmentados. Ser clássico, agora, não depende apenas do talento natural e da disciplina de trabalho do escritor, mas do investimento financeiro do mercado editorial. Ítalo Calvino, em *Por que ler os clássicos*, descreve os clássicos como aqueles livros dos quais, geralmente, ouvimos “estou relendo” e não “estou lendo”. Ainda: “O prefixo reiterativo antes do verbo ler pode ser uma pequena hipocrisia por parte dos que se envergonham de admitir não ter lido um livro famoso”⁴. Sem leitura, mesmo que contabilizado na venda, um livro não passa de um *souvenir*. Capa dura e lombada extensa são necessárias para o perfeito alinhamento nas estantes, especialmente quando o livro torna-se um objeto de

decoração. Recorde de vendas não é sinônimo de recorde de leitura. O livro mais vendido pode não ser aquele mais lido ⁵.

- 8 Piketty é o Harry Potter das ciências humanas. O pequeno bruxo, afinal Piketty tem apenas 45 anos, conseguiu, a julgar pelos comentários da mídia, suplantar o grande bruxo do século XIX, parecido com o simpático Hadrid. No lugar da foice vermelha, gráficos. No lugar da crença na revolução, o utopismo reformista. Aí reside a receita do sucesso nos círculos políticos de direita, esquerda e centro. Todos conhecem Piketty.

A luta pela igualdade é pop

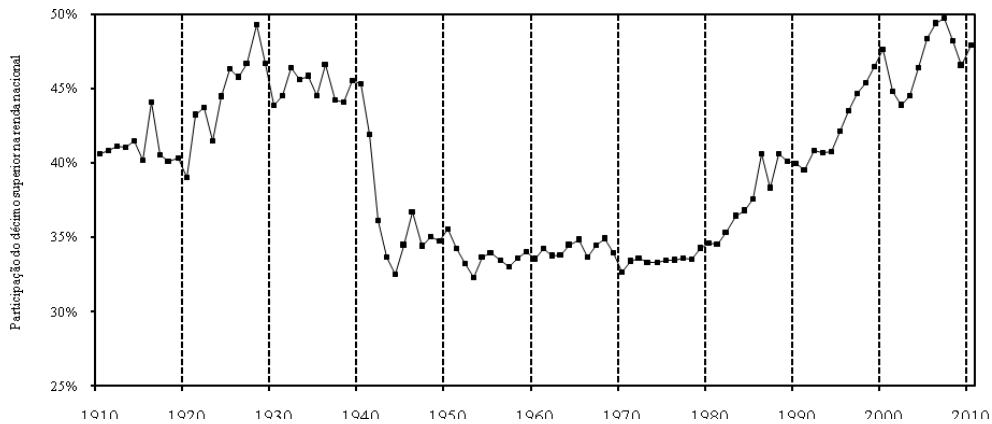
- 9 O que aproxima o Papa Francisco, o Bono, vocalista da Banda U2, e o economista Thomas Piketty? Os dois primeiros personagens, mais antigos na agenda midiática global, são quase uma unanimidade. Bono talvez seja uma das poucas figuras públicas a escapar do humor ácido de os Simpsons. Matt Groening, se comparada com outras celebridades, sempre reservou simpatia ao vocalista. O Papa Francisco, rapidamente, em função da agenda progressista e dos gestos cotidianos prosaicos, alcançou popularidade jamais vista nos corredores do Vaticano. Os dois se ocuparam a denunciar – o primeiro com preces e o segundo com música – a desigualdade do mundo.
- 10 A agenda da luta pela igualdade é antiga, mas nem sempre gozou do *status* contemporâneo. A *Declaração dos Direitos Humanos* (1789) antecedeu, em termos de agenda, a *Declaração Universal dos Direitos Humanos da Organização das Nações Unidas* (1948). “*Os homens nascem e são livres e iguais em direitos*” é o primeiro artigo da *Declaração dos Direitos do Homem e do Cidadão*. A desigualdade resultou da forma de apropriação diferencial da riqueza socialmente criada por distintos grupos humanos e em escala cada vez mais global. A progressiva produção de riquezas no século XIX fez par com o avanço da sua visibilidade no que diz respeito à pobreza no chão da fábrica, nas ruas das cidades e nos campos. O processo de acumulação primitiva, “pecado original” da economia descrito por Marx (2015), associado à crescente divisão do trabalho e expropriação dos camponeses, explicou a dinâmica da evolução da desigualdade no século XIX. A experiência da desigualdade, também denunciada pela pena de Victor Hugo e Emile Zola, não pode sequer ser eclipsada pelo brilho das Exposições Universais.
- 11 No século XX, no âmbito do otimismo do pós-guerra, instituições internacionais como a Organização das Nações Unidas, fundada em 1945, se ocuparam em estudar a pobreza e, ao mesmo tempo, mensurar a desigualdade entre as nações. O Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento (PNUD) e seus chamados “Objetivos do Desenvolvimento do Milênio” são conhecidos no cenário político internacional ⁶. No início da década de 1990, o conceito de Índice de Desenvolvimento Humano (IDH) foi utilizado para divulgar relatórios anuais sobre os padrões de desenvolvimento em diversas escalas. A desigualdade, portanto, começava a ser mensurada na escala global e a partir de instrumentos metodológicos que permitem comparações. O tom das publicações oficiais, no entanto, é bastante relatorial, diferente da narrativa adotada por Thomas Piketty. Está aí um dos segredos de seu mais popular livro.
- 12 O compromisso em comunicar a desigualdade foi o primeiro motivo pelo qual Thomas Piketty tornou-se pop. Mas o que levou *O capital no século XXI* ao panteão editorial?

13 *O capital no século XXI* é dividido em quatro partes articuladas que promovem uma interpretação histórica da desigualdade, tendo como foco de análise, especialmente, a França, os Estados Unidos, o Reino Unido e a Alemanha. Daí o primeiro estranhamento. Um estudo sobre a desigualdade com foco, sobretudo, nos países desenvolvidos, termo não utilizado pelo autor, que parece preferir a terminologia “países ricos”. As fontes utilizadas, em séries históricas, permitiram compreender e comparar a dinâmica histórica da desigualdade a partir da formação e composição da renda ⁷. Os argumentos são alimentados por dados sobre a *desigualdade e distribuição de renda* e dados sobre a *distribuição da riqueza e relação entre riqueza e pobreza*. A receita para o sucesso nasceu da junção de estudos históricos e análise estatística de registros tributários, tarefa árdua para economistas, *demasiadamente avessos à história*, tanto quanto para historiadores, *demasiadamente avessos aos números*, como o autor ironizou na introdução do livro. Ao contrário de uma economia abstrata, pautada em modelos e equações, o leitor é surpreendido com um número reduzido de gráficos e, na verdade, nenhuma equação que possa dificultar a compreensão dos argumentos. Interessa para o autor demonstrar a participação da renda das camadas superiores da riqueza, o que oferece a medida da desigualdade. A pobreza não é o tema do trabalho, mas a evolução da desigualdade no âmbito das nações, traduzida na participação do décimo superior de cada país na globalidade das rendas. Trata-se de um livro sobre a riqueza, traduzida no termo capital, que, em Piketty, assume uma dimensão bastante instrumental, como se verifica a seguir:

No contexto desse livro, o capital é definido como o conjunto de ativos não humanos que podem ser adquiridos, vendidos e comprados em algum mercado. Assim o capital compreende, especificamente, o conjunto formado pelo capital imobiliário (imóveis, casas), utilizado para moradia, e pelo capital financeiro e profissional (edifícios e infraestrutura, equipamentos, máquinas, patentes etc.), usado pelas empresas e pela administração pública ⁸.

14 A definição de capital, portanto, guarda correspondência com a definição de riqueza. O acúmulo de capital, o monopólio propriamente dito, seguindo à risca essa definição, não ocorre pela exploração do trabalho. Piketty ⁹ deixa claro que não interessa a histórica peleja entre patrões e operários: “Que fique claro: minha proposta aqui não é defender os trabalhadores em qualquer desavença com seus patrões, mas ajudar todos a ter uma visão clara da realidade”. O romantismo quase remete à cena final do filme *Metropolis*, de Fritz Lang, lançado em 1927. Piketty lembra o jovem Freder, filho do inescrupuloso Jon Frederson, a tentar conciliar, com sua ternura, os interesses conflitantes entre o cume e o topo da pirâmide, entre trabalhadores, fartos do regime de exploração, e os ricos industriais, que dominam *Metropolis*.

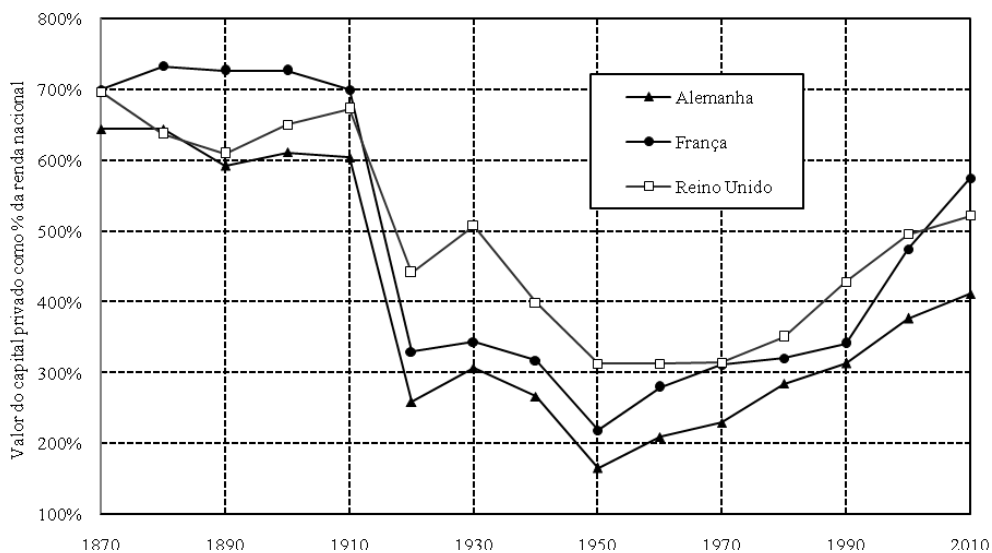
15 O capital, em Piketty, passa a ser um conceito objetivo e possível de instrumentalização, o que o diferencia das perspectivas de análise associadas ao marxismo. Instrumental na prática, abstrato na ação, se diferencia de Marx, para quem o capital é definido como “relação social”, revelando-se no mundo concreto a partir da exploração do trabalho, gerador da riqueza e, portanto, do próprio capital ¹⁰. A impressão que fica é que o conceito de capital foi definido a partir das fontes disponíveis, ou seja, o autor optou pelo enquadramento do conceito, distanciando-se, portanto, da reflexão sobre a natureza do capital. Talvez por isso a força de trabalho não seja considerada capital e, portanto, os conflitos entre capital e trabalho, entre proprietários dos meios de produção e os que dispõem, apenas, da força de trabalho, não tenham sido objeto de atenção, seja no século XIX, seja no século XX.

Figura 1 - A desigualdade de renda nos Estados Unidos, 1910-2010

A participação do décimo superior na renda nacional americana passou de 45-50% nos anos 1910-1920 para menos de 35% nos anos 1950 (trata-se da queda documentada por Kuznets); depois voltou a subir menos de 35% nos anos 1970 para 45-50% nos anos 200-2010.

Fonte: Piketty (2014, p. 31)¹¹

- 16 A primeira regularidade, expressa na Figura 1, resume o espectro temporal e sua ambição explicativa. A curva indica a participação do décimo superior da população na distribuição da renda no intervalo de um século nos Estados Unidos. A primeira parte da curva coincide com a popular “curva de Kuznetz”, com maior compressão da desigualdade entre 1913 e 1948. A explicação da curva da desigualdade, popularizada como curva em "U" invertida, no entanto, não repousa, como argumenta Piketty, em causas endógenas, mas nas influências externas, que podem ser exemplificadas pelas guerras mundiais ou mesmo pela diferencial presença do Estado na regulação das economias nacionais.

Figura 2 - A relação capital-renda na Europa, 1870-2010

O total da riqueza privada se situa entre seis e sete anos da renda nacional na Europa em 1910, entre dois e três anos em 1950 e entre quatro e seis anos em 2010.

Fonte: Piketty (2014, p. 32)¹²

- 17 A segunda regularidade empírica, expressa na Figura 2, compara a Alemanha, a França e o Reino Unido, em intervalo semelhante àquele dos Estados Unidos, indicando a evolução da riqueza privada. A riqueza concentrada no período conhecido como Belle Époque apresenta queda entre 1914 e 1945, com alta progressiva a partir de 1950 das fortunas privadas, até o início do século XXI. Os dois gráficos indicam formatos em curva U, indicativos da dinâmica de queda e de aumento da desigualdade.

Figura 3 - Características gerais dos principais eventos/períodos citados no livro de *O capital no século XXI*

Evento	Período	Características Gerais
Belle Époque	1870-1914	Relevância da renda patrimonial na composição da desigualdade, o que resultou em alto nível de riqueza privada, especialmente na França, Reino Unido e Alemanha.
I Guerra Mundial	1914-1918	Choque na renda patrimonial em função da inflação e das tributações (imposto de renda e imposto sobre herança), o que reverberou na queda na desigualdade da renda.
Grande Depressão	1929	Inflação e deterioração patrimonial, implicando, igualmente, a queda de desigualdade de renda.
II Guerra Mundial	1939-1945	Inflação, deterioração patrimonial e queda na desigualdade da renda.
Trinta Gloriosos	1945-1975	Crescimento do emprego e emergência do Estado-Social com consequente recuo na desigualdade dos salários em função, especialmente, do déficit de crescimento no período anterior, no que toca ao continente europeu. Os Estados Unidos, nesse período, assistem à fase mais igualitária: “[...] o décimo superior da hierarquia das rendas detinha cerca de 20-35% da renda nacional americana, mais ou menos o nível observado na França de hoje” (Piketty, 2014, p. 286).
Neoliberalismo (termo não utilizado pelo autor)	1975-2000	Emergência da sociedade de executivos e aumento das desigualdades dos salários, retomando níveis do início do século XIX.
Capitalismo patrimonial	2000 ...	Crise financeira em 2008 demandou crescente intervenção pública nos bancos. Aumento da riqueza privada e correlato aumento da desigualdade na Europa e nos Estados Unidos.

* Não há correspondência precisa entre os impactos dos eventos, assim como a sua denominação na Europa e nos Estados Unidos.

Fonte: Construída pelo autor a partir de Piketty (2014)

- 18 A noção de evento é central na explicação do aumento e/ou retenção dos níveis de desigualdade durante o século XX, explicando a dinâmica das forças de *convergência* (diminuição das desigualdades) e *divergência* (aumento das desigualdades). Esses eventos guardam entre si duas características. A primeira é a globalidade das

transformações em cada período e a segunda é a presença do Estado no conjunto das respostas para cada evento. Na análise das forças de *divergência* e *convergência* são consideradas as taxas de rendimento (r) do capital e a taxa de crescimento da economia (g). Quando a primeira é maior que a segunda, como registrado, grosso modo, no século XIX e no século XXI, a riqueza herdada aumenta, como argumenta Piketty (2014, p. 33), mais rápido que a renda e a produção.

Sob essas condições, é quase inevitável que a fortuna herdada supere a riqueza constituída durante a vida de trabalho e que a concentração de capital atinja níveis muito altos, potencialmente incompatíveis com os valores meritocráticos e os princípios da justiça social que estão na base de nossas sociedades democráticas modernas.

- 19 Mas o discurso econômico não faria tanto sucesso caso centrasse a explicação apenas em comparações abstratas entre nações ou mesmo em modelos baseados no PIB ou no IDH. No campo individual, o que explica a riqueza é a renda proveniente do trabalho, dos rendimentos do capital e da posse patrimonial. Entre a riqueza proveniente do trabalho e a riqueza resultante do patrimônio herdado, assistimos a uma dinâmica econômica que oscila da centralidade do capitalismo patrimonial para o centralismo do capitalismo gerencial. No entanto, a formação de patrimônio não está dissociada da evolução dos rendimentos dos salários executivos gerenciais, quase autorregulados. A explicação dessa dinâmica, no entanto, não se localiza na vontade ou mesmo no talento individual e nem mesmo no fim da renda patrimonial. Há determinantes históricos, alguns dos quais ilustrados pela pena de Honoré de Balzac na primeira parte do século XIX. Antes de recordar o romancista preferido do economista, é interessante observar sua definição de renda:

A renda consiste em dois componentes: os rendimentos derivados do trabalho (salários, emolumentos, gratificações, bônus, renda do trabalho não assalariado, além de outras rendas remuneradas do trabalho, de acordo com o estatuto jurídico aplicado em cada caso) e a renda do capital (aluguéis, dividendos, juros, lucros, ganhos de capital, royalties e outros rendimentos obtidos pelo simples fato de ser dono do capital sob a forma de terras, imóveis, ativos financeiros, equipamentos industriais etc., qualquer que seja a denominação jurídica indicada¹³.

- 20 A curva da desigualdade que se desenha entre o final do século XIX e o início do século XXI responde por uma dinâmica entre a valorização do patrimonial, rentista, e uma desigualdade que repousa nas diferenças salariais. A desigualdade de renda, em termos abstratos, pode ser decomposta na renda do trabalho e na diferença de rendas da propriedade do capital. Para ilustrar essas diferenças, Piketty recorre a dois exemplos. O primeiro, descrito com brilhantismo literário, refere-se ao diálogo entre o jovem Eugène de Rastignac e Vautrin, personagens centrais na trama *O Pai Goriot*, de Honoré de Balzac. A interrogação que permeia o diálogo, sem a pretensão de resumir a narrativa, é: como o jovem provinciano Eugène de Rastignac poderia enriquecer na Paris burguesa? As possibilidades colocadas são, fundamentalmente, duas: pelo trabalho, alçando posições na carreira jurídica, ou pelo patrimônio, a partir do casamento. O diálogo que se segue é avassalador, demonstrado os limites da ascensão pelo mérito, pelos estudos, pela expertise profissional. A solução, sugerida por Vautrin, é obter renda por intermédio de um conveniente casamento arranjado, e a vítima seria a tímida moradora da pensão Vauquer¹⁴.
- 21 No outro extremo, já no século XXI, Piketty refere-se à representação do trabalho a partir de seriados de TV americanos como *Hause* e *Bones*, protagonizados por homens e mulheres diplomados, com experiência técnica que garantem o sucesso e a ascensão

social. No caso de Hause, sua expertise parece suplantar a antipatia e mesmo os padrões de conduta ética. Na França, o *Dilema de Rastignac* é representado graficamente pela variação da participação dos recursos herdados (herança) no total da riqueza que representou, em 1880, 19%, caindo para 11% em 1910 e voltando a subir, a partir de 1950, para 14%, chegando em 1970 a 22% e em 2010 a 23%. Muito embora o trabalho, tradução formal da meritocracia, pareça apagar os vestígios da herança no limiar do capitalismo patrimonial, Piketty¹⁵ demonstra que o papel da herança ainda é determinante na composição da riqueza:

Entretanto, isso não significa necessariamente que a sociedade tenha se tornado mais meritocrática. Em particular, isso não implica que a participação da renda nacional para o trabalho tenha aumentado de verdade (vimos que quase não cresceu) e, obviamente, isso não significa que as pessoas tenham acesso às mesmas oportunidades para atingir os diferentes níveis de qualificação: em grande medida, as desigualdades de formação apenas subiram de nível e nada indica que a mobilidade intergeracional tenha realmente progredido por meio da educação.

22 O retrato contemporâneo da desigualdade na repartição das riquezas é avassalador. Entre 1987 e 2013, as maiores riquezas mundiais cresceram 6,7%, ao passo que a riqueza global só cresceu 1,4% (Piketty, 2014, p. 424). Esse dado é agravado pelas projeções de que a taxa de remuneração (r) irá superar a taxa de crescimento anual (g), tendência registrada a partir do final da década de 1980.

23 A concentração do capital, que antes era centrado no poder fundiário, agora traduz a simbiose entre o capital imobiliário, o capital industrial e o capital financeiro. A volatilidade da lista dos maiores milionários na *Forbes*, frequentemente atualizada, prova isso. A concentração da riqueza continua alta, indicando uma classe média patrimonial que detém, segundo o autor, entre um quarto e um terço da riqueza. “Os 10% mais ricos não possuem mais do que dois terços, em vez dos nove décimos de antigamente” (Piketty, 2014, p. 368).

24 A parte final do livro, intitulada “Regular o capital do século XXI”, expressa seu conteúdo propositivo, desdobrado em duas linhas. A primeira é a valorização do Estado Social e a segunda, o que desagradou os proprietários de patrimônios e fortunas, trata do imposto sobre fortunas e patrimônios. Acerca do Estado Social, segundo Piketty (2014, p. 461):

A questão do retorno do Estado não se coloca da mesma maneira nos anos 2010 do que nos anos 1930, por uma razão simples: o peso do Estado é muito maior hoje do que era àquela época, e em grande medida ele agora é maior do que nunca. É por isso que a crise atual se traduz às vezes em acusar os mercados e questionar o peso e o papel do poder público. Esse questionamento não cessou desde os anos 1970-1980 e não cessará jamais: a partir do momento em que o poder público passou a desempenhar, na vida econômica e social, um papel central, adquirido nas décadas do pós-guerra, é normal e legítimo que esse papel esteja em debate permanente e seja posto em questão.

25 A relação entre o Estado Fiscal e o Estado Social é explorada de modo a permitir que o leitor compreenda que a redução das desigualdades dependeu tanto do apoderamento fiscal quanto da função política distributiva. O caso das políticas previdenciárias para combater a pobreza na velhice é um bom exemplo. O movimento de redução da desigualdade não ocorreu em função da crescente produtividade ou de qualquer mecanismo da mão invisível do mercado. A relação entre a curva de *convergência* e a curva de *divergência* da desigualdade esteve relacionada ao montante de gastos sociais que podem ser traduzidos em transferências de renda, gastos previdenciários ou

mesmo na oferta de serviços públicos. A convergência registrada nos chamados Trinta Gloriosos, manifestada pela redução na dispersão dos salários, pelas transferências sociais ou mesmo pela ampliação do emprego formal, não ocorreu sem a presença do Estado. Já a curva de *divergência*, a partir do final dos anos 1980, coincidiu com a progressiva erosão do Estado Social. Não é segredo, nesse período, a obstinação de Margaret Thatcher (1979-1990) e Ronald Reagan (1981-1989) em reduzir o Welfare State. Essa redução se expressa em uma espécie de fórmula mágica para os liberais: menos impostos, menos regulação, mais liberdade, mais crescimento. No entanto, como pode ser verificado em Atkinson (2015), a redução de impostos pela administração da Dama de Ferro resultou em menor gasto social e, conseqüentemente, aumento da desigualdade e da pobreza. O núcleo da argumentação de Piketty incomoda, uma vez que as experiências históricas, como argumenta o autor, sugerem que uma receita fiscal de aproximadamente 15% da renda nacional não sustenta as funções essenciais do Estado, especialmente saúde e educação. A trajetória dos ajustes fiscais e a perseguição do superávit a partir de reduções de investimentos sociais, portanto, caem por terra.

- 26 A popularidade e o espanto resultaram da pretensão, utópica na opinião do autor, de regular o capitalismo patrimonial globalizado, o que implica refuncionalizar a social-democracia a partir de modelos fiscais de controle mais eficientes e transparentes em escala global. O capital desterritorializado e a elite desterritorializada devem ser controlados por intermédio de um imposto progressivo sobre o capital. Piketty adota o exemplo de um possível imposto para patrimônios com valor entre 1 e 5 milhões de euros, com alíquota de 1%, e 2% para patrimônios acima de 5 milhões de euros, o que afetaria apenas 2,5% da população europeia e corresponderia a 2% do PIB europeu. “O principal do imposto sobre o capital não é financiar o Estado social, mas regular o capitalismo”¹⁶, assevera o autor, já que esse imposto não seria capaz de financiar as demandas do Estado Social. Piketty não propõe punir severamente os grandes capitalistas, mas apenas dar-lhes um puxão de orelha – avisá-los daquilo que já sabem. Esse imposto facilitaria o gerenciamento das informações sobre os patrimônios e as fortunas privadas, o que tem incomodado a elite econômica desterritorializada, que aposta suas fichas em sua invisibilidade, uma vez que não há regulação possível em um mundo global. Não há sutilidade alguma nessa proposta que dispensa a sofisticação contábil.
- 27 Piketty inicia e termina o livro com duas mensagens que convergem, de certo modo, para a valorização da economia política:
- 28 Os assuntos econômicos são demasiadamente importantes para serem reduzidos a modelos matemáticos abstratos, o que exige esforço contínuo de comunicação por parte daqueles que produzem conhecimento.
- 29 A análise histórica aponta para cenários de concentração de renda similares aos registrados no início do século XIX, o que poderá resultar em instabilidade para os regimes democráticos.
- 30 *O capital no século XXI* oferece um retrato parcial, possível, da dinâmica da desigualdade no capitalismo contemporâneo, identificando a formação da riqueza a partir da herança e do trabalho. A formação da riqueza, ou seja, sua origem, sempre configurou tema de atenção na arena política e acadêmica. A meritocracia, associada ao sucesso de indivíduos e empresas, explicou o ufanismo liberal. Mesmo o liberalismo, para lembrar Polanyi (2000), tem um conteúdo utópico, uma vez que a regulação invisível do mercado não se mostrou uma experiência histórica possível. E não poderia ser

diferente, já que a famosa curva de Kuznets não se explica sem a intervenção, mesmo que conjuntural, do Estado na economia, seja por meio da dotação de infraestrutura e regulação do emprego, seja pelo financiamento da guerra. Pode-se dizer que Piketty abriu uma parte da tampa da caixa de pandora. Incomodou aqueles que se imaginavam invisíveis, protegidos pela invisibilidade da riqueza e pelo mito de sua origem celibatária.

Conclusão

- 31 Causou rebuliço quando, em 2015, Thomas Piketty rejeitou a distinção do governo francês da, quase medieval, Ordem Nacional da Legião de Honra. A recusa de títulos não é rara no universo acadêmico, mas existem mais pessoas dispostas a recebê-los que a recusá-los. Esse episódio rendeu popularidade e demonstrou seu despreendimento em relação às bajulações oficiais. Na introdução do livro, Thomas Piketty ¹⁷ tece comentários sobre o ofício de economista:

Ser economista acadêmico na França tem uma grande vantagem: nós não somos tão respeitados nos meios intelectuais e acadêmicos, tampouco pelas elites políticas e financeiras. Isso obriga os economistas a abandonar o desprezo que sentem pelas outras disciplinas e a pretensão absurda a uma legitimidade científica superior, ainda que não saibam quase nada sobre alguma coisa.

- 32 Ao que parece, Piketty não precisa mais queixar-se da falta de reconhecimento ou mesmo de trânsito nos meios políticos e acadêmicos. Produto de um tempo em que a produção do conhecimento não passa apenas por crivos acadêmicos, mas também por uma espécie de tribunal simbólico global das redes sociais, sua mensagem é divulgada com elegância e força. É um militante acadêmico e político que não foge da responsabilidade de participar das demandas sociais, mas também não se curva à vigilância ortodoxa. Se existe uma extrema direita e uma extrema esquerda, apostaria que Thomas Piketty é do extremo centro.
- 33 O jovem economista francês nos ensina muito, mesmo considerando que o Brasil não seja objeto de sua atenção. **Do ponto de vista metodológico**, a disponibilidade irrestrita dos dados sobre o Imposto de Renda no Brasil (pessoa física e pessoa jurídica) causaria uma pequena revolução nos estudos sobre a desigualdade que ainda são pautados em pesquisas sobre o universo domiciliar autodeclarativo. No Brasil existem instrumentos que permitem a caracterização da pobreza, a exemplo do Cadastro Único para Programas Sociais do Governo Federal, utilizado como referência para a concessão de benefícios do Programa Bolsa Família¹⁸. O problema está em caracterizar, com a mesma sistemática e transparência, a riqueza. A disponibilidade de dados do Imposto de Renda permitiria conhecer a dinâmica evolutiva da riqueza herdada em função do patrimônio e da riqueza construída pelo trabalho de uma fração considerável da população brasileira. Em 2015, 27,8 milhões de brasileiros declararam Imposto de Renda da Pessoa Física, o que, considerando as estimativas do IBGE (Brasil, 2016), representou 13,65% da população brasileira ¹⁹. Sem esse conjunto de informações, nos limitamos, quase sempre, a terceirizar o conhecimento do grau de riqueza individual/familiar aos populares *rankings* da *Forbes*. No *ranking* dos 31 bilionários brasileiros de 2015, os quatro primeiros agrupavam patrimônio de U\$ 69,3 bilhões ²⁰. No que toca às fontes, não deixa de ser curioso que a revista informa o setor de cerveja como principal origem do patrimônio de três dos quatro primeiros bilionários da lista. Nossa tropicalidade, associada à alegria do carnaval, deve justificar a centralidade do lucrativo segmento da

cerveja. Nesse *ranking*, entre os primeiros, apenas um jovem de 33 anos. Sobre os demais, na casa dos 60 anos de idade, os textos ressaltam qualidades individuais como o apego ao trabalho e a inteligência, segredos do sucesso. Interessante que um conhecido construtor brasileiro, que durante muito tempo frequentou o *ranking* dos bilionários da *Forbes*, esteja preso em regime fechado, sob acusações de corrupção passiva e ativa ²¹. Parece que a *Forbes* desconhece o elegante conceito de "simbiose burocrática", cunhado pelo economista americano John Kenneth Galbraith (1975), para acentuar as relações entre o governo e os grupos privados. Para tristeza dos liberais, a riqueza privada também brota de acordos, nem sempre ortodoxos, entre o capital privado e o Estado.

- 34 **Do ponto de vista político**, o acesso aos dados permitiria pensar maneiras mais eficientes de financiar e fortalecer o Estado Social. Estudo desenvolvido pelo IPEA, intitulado *A década inclusiva: 2001-2011* (Brasil, 2012), explica as razões para a diminuição contemporânea da pobreza no Brasil. É interessante que, entre todos os motivos, identificamos a presença do Estado: redução da inflação, aumento progressivo do salário mínimo, aposentadoria rural, transferências de renda, benefícios de prestação continuada etc. Em um país como o nosso, em que o discurso da meritocracia, pedra angular do liberalismo, é utilizado para desqualificar os programas de transferência de renda e assistência social e, ao mesmo tempo, estigmatizar seus beneficiários, a disponibilidade de informações dessa natureza poderia qualificar o debate econômico e político. Afinal, nem mesmo aqueles liberais que leram *O capital no século XXI* discordariam que é necessário fazer algo para reverter o quadro atual de pobreza e da desigualdade. O problema é que, para os liberais afortunados, a ação decorreria, em grande medida, pelo viés do filantropismo personalista, uma vez que o combate à desigualdade sempre poderá lhes render popularidade.
- 35 *O capital no século XXI* é um fenômeno popular no universo acadêmico e político, tanto pelas inúmeras qualidades acadêmicas, quanto pelas determinações do mundo contemporâneo, movido pelas métricas de popularidade, como aquelas do Google. Thomas Piketty obteve 1.240.000 referências, na busca do Google, em 0,27 segundos, total ainda inferior ao de Marx, com 34.200.000 referências em 0,51 segundos. Essa métrica não aproxima Marx do economista francês. Essa distância não pode ser medida sem considerar que os escritos de Marx não se resumem ao universo econômico, mas também à história e à filosofia. Não há métrica ou equação possível para mensurar o impacto político da obra de Marx. Mas o que agrada é que Thomas Piketty, como o jovem Harry Potter, terá tempo para apurar suas habilidades e, conseqüentemente, aumentar sua popularidade. Aliás, o livro pode ser baixado na internet, gratuitamente, em vários formatos. Thomas Piketty não conhece o irreverente Zeca Baleiro, que diria, diante de seu inexorável sucesso: "O fato é que eu tô na moda. Mamãe eu fiz um 'livro' foda. Faz um download e 'leia' aí".

BIBLIOGRAFIA

- ATKINSON, Anthony. *Desigualdade: o que pode ser feito?* Trad. Elisa Câmara. São Paulo: LeYa, 2015.
- BALEIRO, Zeca. *Mamãe no Face*. Disponível em: <<https://www.vagalume.com.br/zeca-balero/mamae-no-face.html>>. Acesso em: 22 jul. 2016.
- BERMAN, Marshall. *Tudo o que é sólido desmancha no ar: a aventura da modernidade*. 2. reimpr. São Paulo: Companhia das Letras, 1986.
- BRASIL. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. *Estimativa da população: 2015*. Disponível em: <http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/estimativa2015/estimativa_tcu.shtm>. Acesso em: 23 jul. 2016.
- CALVINO, Ítalo. *Por que ler os clássicos*. São Paulo: Cia. das Letras, 1993.
- FORBES. *Maiores bilionários brasileiros*. Disponível em: <<http://www.forbes.com.br/listas/2016/03/31-maiores-bilionarios-brasileiros/#foto1>>. Acesso em: 22 jul. 2016.
- GALBRAITH, John Kenneth. *A economia e o objetivo público*. São Paulo: Martins, 1975.
- GOOGLE. Lista de mais vendidos de não ficção. 2015. Disponível em: <<http://www.publishnews.com.br/ranking/anual/13/2015/0/0>>. Acesso em: 22 jul. 2016.
- HORKHEIMER, Max; ADORNO, Theodor. A indústria cultural: o iluminismo como mistificação de massas. In: LIMA, Luiz Costa. *Teoria da cultura de massa*. São Paulo: Paz e Terra, 2002. p. 169-214.
- HARVEY, David. *Para entender o capital*. Livro 1. São Paulo: Boitempo, 2013.
- HARVEY, David. *Paris, capital da modernidade*. São Paulo: Boitempo, 2015.
- IPEA. A década inclusiva. *Comunicados do IPEA*, Brasília, n. 155, 2012.
- MARX, Karl. *O capital. Crítica da economia política*. Livro 1, v. 1. 17. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1999.
- MARX, Karl. *O capital: crítica da economia política*. Livro 1, v. 2. 29. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2015.
- MDS – Ministério do Desenvolvimento Social. Data-Social. 2016. Disponível em: <http://aplicacoes.mds.gov.br/sagi-data/METRO/metro.php?p_id=4>. Acesso em: 22 jul. 2016.
- MINISTÉRIO PÚBLICO FEDERAL. *Corrupção ativa e passiva contra executivos da Odebrecht e ex-funcionários da Petrobras*. Processo 5051379-67.2015.4.04.7000, chave eletrônica 825876223315. Disponível em: <<http://lavajato.mpf.mp.br/atuacao-na-1a-instancia/denuncias-do-mpf>>. Acesso em: 25 jul. 2016.
- PIKETTY, Thomas. *O capital no século XXI*. Tradução de Monica Baumgarten de Bolle. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2014.
- PIKETTY, Thomas. *Anexo Técnico de O capital no século XXI*. Disponível em: <<http://www.intrinseca.com.br/ocapital/anexo-tecnico.html>>. Acesso em: 25 jul. 2016.
- PNUD-Brasil. Disponível em: <<http://www.pnud.org.br/ODM.aspx>>. Acesso em: 20 jul. 2016
- POLANYI, Karl. *A grande transformação: as origens de nossa época*. Rio de Janeiro: Campus, 2000.

RECEITA FEDERAL DO BRASIL. Disponível em: <<http://idg.receita.fazenda.gov.br/acesso-rapido/tributos/irpf-imposto-de-renda-pessoa-fisica>>. Acesso em: 22 jul. 2016.

THOMPSON, John B. *Ideologia e cultura moderna*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1995.

NOTAS DE FIM

1. Google, 2016

2. Não há muitas semelhanças, nem mesmo em termos volumétricos, além do substantivo masculino, entre *O capital no século XXI*, de Thomas Piketty, e *O capital*, de Karl Marx. *O capital* é dividido em três livros com, a depender da edição, seis volumes. Marx investigou a natureza do capital, seu processo histórico de produção e reprodução, centrando energias em conceitos como mercadoria, mais-valia, divisão do trabalho, acumulação primitiva, além da categoria trabalho, central em sua obra. As fontes utilizadas por Marx (relatórios governamentais, legislação trabalhista, dados primários e secundários, literatura social e econômica, textos jornalísticos, vivência política com os operários etc.) e sua escala de análise (Inglaterra, França, Estados Unidos, Índia, Holanda, Rússia, Alemanha, Egito etc.) dão ideia da amplitude de sua obra. No prefácio da segunda edição, Marx (1999, p. 25) cita que a tradução russa de 3.000 exemplares, publicada em 1872, estava quase esgotada. A circularidade das obras de Marx no século XIX, considerando os meios técnicos de distribuição do período, é impressionante. Por fim, é oportuno lembrar que a comparação com Marx não nasceu da vontade de Piketty, que não se declara marxista. Isso, no entanto, não o impediu de se referir a Marx com respeito, o que é próprio dos grandes intelectuais. Só para constar. Recentemente, a imprensa noticiou, com espanto, que a primeira edição de *O Capital* foi leiloada, em Londres, por mais de um milhão de dólares. Marx continua pop.

3. Não há dúvidas de que Thomas Piketty tornou-se uma espécie de grife editorial. Na capa do livro *Desigualdade: o que pode ser feito?*, de Anthony Atkinson (2015), está escrito, em letras garrafais, no interior de um retângulo: "Do professor de Thomas Piketty". O livro do economista inglês, aliás, não perde em nada para *O capital no século XXI*.

4. Calvino, 1993, p. 9

5. Um exemplo pessoal ilustra esse raciocínio. *O capital no século XXI* foi lançado no Brasil em 2014. Sempre me saltou aos olhos o destaque do livro nas prateleiras centrais das livrarias. Em janeiro de 2015 fui presenteado com um exemplar, que ficou acomodado na estante até junho de 2016, quando, diante do interesse pelo tema da desigualdade, resolvi enfrentar o extenso volume. Perguntei a alguns colegas da universidade se já haviam lido o livro. Em muitos casos, a resposta foi a mesma: "o tenho, mas ainda não li".

6. São oito os "Objetivos do Milênio", estabelecidos no ano de 2000, para um intervalo de quinze anos: "1. Redução da pobreza; 2. Atingir o ensino básico universal; 3. Igualdade entre os sexos e a autonomia das mulheres; 4. Reduzir a mortalidade na infância; 5. Melhorar a saúde materna; 6. Combater o HIV/Aids, a malária e outras doenças; 7. Garantir a sustentabilidade ambiental e 8. Estabelecer uma Parceria Mundial para o Desenvolvimento" (PNUD-Brasil, 2016).

7. Piketty disponibilizou os dados do livro em formato digital para acesso público e gratuito, em arquivo denominado Anexo Técnico, encontrado em <http://www.intrinseca.com.br/ocapital/anexo-tecnico.html>. É preciso registrar que essa postura não é comum nas pesquisas acadêmicas.

8. Piketty, 2014, p. 51-52

9. Piketty 2014, p. 46

10. Em Marx (1999), o capital é considerado um processo, uma relação social historicamente localizada. Circulação e produção de valores, além da relação entre capital constante e capital variável, no tocante aos conflitos de propriedade, são determinantes em sua análise. Sobre essa

perspectiva de análise, refere Harvey (2013, p. 93): "Ela marca um distanciamento radical em relação à definição que encontraremos na economia política clássica, em que o capital era tradicionalmente entendido como um estoque de recursos (máquinas, dinheiro etc.), assim como em relação predominante na ciência econômica convencional, na qual o capital é visto como uma coisa, um *fator de produção*".

11. Piketty, 2014, p. 31

12. Piketty, 2014, p. 32

13. Piketty, 2014, p. 24

14. A utilização de Honoré de Balzac como referência para o século XIX é comum em muitos autores contemporâneos, bastando para isso recordar os brilhantes livros de Marshall Berman (1986) e David Harvey (2014). Marx (2015, p. 695), com sua erudição habitual, recorre ao exemplo Gobsek, em romance homônimo, para ilustrar os entraves na expansão do capital: "Balzac, que analisou tão profundamente todos os matizes da avareza, criou a figura de Gobseck, o velho avarento que, na sua demência, começa a formar um tesouro acumulando mercadorias".

15. Piketty 2014, p. 409

16. Piketty, 2014, p. 504

17. Thomas Piketty, 2014, p. 38

18. O Cadastro Único para Programas Sociais do Governo Federal centraliza informações sobre famílias de baixa renda, fragmentadas em renda *per capita* familiar de até R\$ 77,00, entre R\$ 77,00 e R\$ 154,00, entre R\$ 154,00 e meio salário mínimo e acima de meio salário mínimo. Em 2016 havia 26.942.986 famílias inscritas no Cadastro Único. Informações sobre esse universo da população pode ser acessado no Data-Social (MDS, 2016).

19. O Imposto de Renda incide sobre renda de pessoas físicas e pessoas jurídicas. Para pessoas físicas, as alíquotas são progressivas, partindo de 7,5% para rendimentos, em 2016, entre R\$ 1.903,99 e R\$ 2.826,05, até 27,5% para rendimentos acima de R\$ 4.664,68 mensais. Para Pessoas Jurídicas, as alíquotas guardam relação com o lucro apurado nas empresas (Receita Federal do Brasil, 2016).

20. Forbes, 2016

21. "Corrupção ativa e passiva contra executivos da Odebrecht e ex-funcionários da Petrobras. Processo 5051379-67.2015.4.04.7000, chave eletrônica 825876223315.

Síntese: Em 16 de outubro de 2015, o Ministério Público Federal no Paraná ofereceu denúncia contra executivos do Grupo Odebrecht e ex-funcionários do alto escalão da Petrobras. Os executivos Marcelo Bahia Odebrecht, Marcio Faria da Silva, Rogério Araújo e Cesar Rocha foram acusados pela prática de corrupção ativa de Paulo Roberto Costa, Pedro Barusco e Renato Duque, no interesse da obtenção de vantagens para a Construtora Norberto Odebrecht em razão de oito contratos por ela firmados com a Petrobras. Renato Duque e Pedro Barusco, de outro lado, foram acusados pela prática do crime de corrupção passiva. Foram 64 crimes praticados de 09/12/2004 a 03/08/2011, envolvendo propinas que chegaram a R\$ 137 milhões" (Ministério Público Federal, 2016).

RESUMOS

As razões para o sucesso do livro *O capital no século XXI*, do economista francês Thomas Piketty, não se localizam apenas na estrutura narrativa bastante apropriada para o mercado editorial contemporâneo, mas também nas circunstâncias históricas que tornaram a temática da desigualdade central na contemporaneidade. Fomos acostumados aos estudos relatoriais sobre a desigualdade que abordam, a partir de estudos econométricos, as diferenças de renda nos países abaixo do Equador. O estudo de Piketty centra as energias na evolução histórica das desigualdades, fundamentalmente, na Europa e nos Estados Unidos. Seus resultados apontam

para a tendência de concentração de renda superior às taxas de crescimento da economia. O autor sugere a necessidade de regulação do capital por meio da criação do imposto global sobre fortunas, tema que tem gerado debates políticos acalorados.

Écrit par l'économiste Français Thomas Piketty, le bonheur de son ouvrage *Le capital au XXIème siècle* peut être compris pas seulement grâce à sa structure narrative très appropriée au marché éditorial contemporain, mais aussi aux circonstances historiques responsables pour greffer le thème des inégalités. Pendant que les rapports sur ce sujet soulignent (à partir des études économétriques) les différences de revenus dans les pays au-dessous de la ligne de l'Équateur, Piketty remarque que la tendance à la concentration de revenu est plus grande que les taxes de croissance de l'économie. Pour lui, il faut réguler le capital à travers de la création d'un impôt global sur les fortunes.

The reasons for the success of the book *Capital in the Twenty-First Century* by the French economist Thomas Piketty are not only found/ located on the narrative structure quite appropriated for the contemporary editorial market, but also in the historical circumstances which turned inequality a modern main topic. We were used to be familiar with report studies about inequality which has an approach of from econometrical studies, differences of income in countries below the Ecuador. The study of Piketty focuses in the historical evolutions of inequalities, mostly in Europe and in the United States. The results of Piketty point to a concentration trend of income higher than the taxes of economy growth. The author suggests the need of a capital regulation through the creation of taxes on large fortunes, theme which has been greatly debated.

Las razones para el éxito del libro *El capital en el siglo XXI*, del economista francés Thomas Piketty, no se encuentran solamente en la estructura narrativa muy conveniente para el mercado editorial contemporáneo, sino también en las circunstancias históricas que hicieron el tema de la desigualdad central en los días de hoy. Fuimos acostumbrados a los estudios relatoriais sobre la desigualdad que discuten, desde los estudios econométricos, las diferencias de ingresos en los países situados por debajo de la línea ecuatorial. El estudio de Piketty dirige las energías en la evolución histórica de las desigualdades, principalmente en Europa y Estados Unidos. Los resultados apuntan a la tendencia de concentración de ingresos más alta que las tasas de crecimiento de la economía. El autor sugiere la necesidad de regulación del capital a través de la creación del impuesto global sobre la riqueza, un tema que ha generado acalorados debates políticos.

ÍNDICE

Palabras claves: desigualdad, capitalismo, regulación del capital, impuesto sobre fortunas, Thomas Piketty.

Palavras-chave: desigualdade, capitalismo, regulação do capital, imposto sobre fortunas, Thomas Piketty

Mots-clés: inégalités, capitalisme, régulation de capital, impôt sur les fortunes, Thomas Piketty.

Keywords: inequality, capitalism, regulation of capital, wealth tax, Thomas Piketty

AUTOR

TADEU ALENCAR ARRAIS

Professor Associado IESA/UFG. Email: tadeuarraisufg@gmail.com. Pesquisador do CNPq, Nível 1D